ISSN: 2358-8829

A INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO CONTEXTO ESCOLAR POR MEIO DE ATIVIDADES FÍSICAS NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Daniel de Azevedo da Silva [1]
Fernando Patrick Botelho Morais [2]
Élika Christianne Cutrim Souza [3]

INTRODUÇÃO

A construção de uma escola inclusiva exige reconhecer a diversidade humana e garantir condições para que todos os estudantes participem, aprendam e se desenvolvam. Nos anos finais do Ensino Fundamental, a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) requer planejamento, estratégias diversificadas e atenção às características individuais.

A Lei nº 12.764/2012 institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA, enquanto a Lei nº 13.146/2015, Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, reforça o direito à igualdade de oportunidades e à educação inclusiva (BRASIL, 2012; BRASIL, 2015). Esses dispositivos atribuem às instituições de ensino a responsabilidade de favorecer o acesso, a permanência, a participação e a aprendizagem.

No contexto escolar, jogos, brincadeiras e atividades corporais podem promover interação, comunicação, cooperação e convivência. Para isso, é necessário considerar a organização das tarefas, a clareza das instruções e os diferentes ritmos de participação. Propostas excessivamente competitivas ou sem alternativas podem criar barreiras. Conforme Mantoan (2003), incluir não é apenas garantir a presença do estudante, mas transformar as práticas e o ambiente escolar para que ele participe e desenvolva suas potencialidades.

Este estudo tem como objetivo analisar a inclusão de alunos com TEA nos anos finais do Ensino Fundamental por meio de atividades físicas. Busca descrever experiências de

[1] Graduado pelo Curso de Licenciatura em Matemática pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Especialista em Matemática e o Mundo do Trabalho pela Universidade Federal do Piauí – UFPI E-mail: danielazevedo2silva@gmail.com
[2] Graduado pelo Curso de Pedagogia (Licenciatura) pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Graduado pelo Curso Superior de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa pelo Centro Universitário Internacional,Especialista em Gestão e Coordenação Pedagógica pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI E-mail: fernando.patrickbotelho@hotmail.com
[3] Graduanda do Curso de Pedagogia (Licenciatura) pelo Centro Universitário do Planalto do Distrito Federal - UNIPLAN E-mail: elikachristianne543@gmail.com;

ISSN: 2358-8829

participação e interação, identificar desafios observados e discutir possibilidades pedagógicas que fortaleçam práticas inclusivas.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, bibliográfica, descritiva e de campo, desenvolvida por meio da pesquisa-ação, considerando a realização de uma proposta de intervenção pedagógica em uma escola pública da rede municipal. A investigação teve como foco a inclusão e a participação de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos anos finais do Ensino Fundamental.

O percurso metodológico envolveu a observação de diferentes aulas e momentos do cotidiano escolar, a aplicação de uma proposta de intervenção com atividades físicas adaptadas e a utilização de questionários com perguntas objetivas e subjetivas. Os questionários foram direcionados a dois professores, ao gestor escolar e a três familiares (pais dos estudantes com TEA), totalizando seis participantes, com o objetivo de identificar percepções, experiências e desafios relacionados à inclusão escolar desses estudantes.

A proposta de intervenção contemplou atividades sobre primeiros socorros, jogos de memorização, tarefas coletivas e movimentos corporais inspirados em jogos digitais. Para o desenvolvimento das práticas, foram utilizados materiais como bolas, cones, pratos, cordas, elásticos e bambolês. As atividades foram realizadas em diferentes aulas e momentos do cotidiano escolar, não se restringindo ao componente curricular de Educação Física, buscando favorecer a participação, a interação e o envolvimento dos estudantes.

A análise dos dados foi organizada em quatro eixos: participação e compreensão das orientações; interação entre os estudantes; necessidade de pausas e ajustes durante as atividades; e desafios relacionados à competição e à adaptação pedagógica. As respostas dos questionários, tanto objetivas quanto subjetivas, foram sistematizadas e analisadas, fundamentando a elaboração da Tabela 1, conforme os dados apresentados no banner científico. As observações realizadas durante a intervenção também foram consideradas, permitindo relacionar as percepções dos participantes às experiências vivenciadas no contexto escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação inclusiva pressupõe que todos os estudantes tenham acesso às experiências escolares e às oportunidades de aprendizagem. Para concretizá-la, é necessário

ISSN: 2358-8829

superar práticas rígidas e compreender que as diferenças fazem parte da realidade da escola. Mantoan (2003) destaca que a inclusão exige mudanças na organização escolar e nas concepções que orientam o ensino. Assim, as dificuldades de participação não devem ser atribuídas somente ao estudante, pois também podem decorrer das estratégias, das regras e das condições oferecidas.

A perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (2007) ressalta o papel das relações sociais e da mediação no desenvolvimento e na aprendizagem. No ambiente escolar, o conhecimento é construído também nas interações entre estudantes, professores e demais participantes. As atividades físicas podem favorecer cooperação, comunicação, interação e participação coletiva, especialmente quando o professor oferece orientações claras, demonstra os movimentos e adapta as tarefas.

O planejamento para estudantes com TEA deve considerar as respostas individuais, as formas de comunicação e as necessidades de apoio identificadas no contexto. O diagnóstico, por si só, não determina comportamentos ou necessidades iguais para todos. A observação e o diálogo com os envolvidos ajudam a selecionar estratégias adequadas.

A legislação brasileira fortalece esse compromisso: a Lei nº 12.764/2012 trata dos direitos das pessoas com TEA e a Lei nº 13.146/2015 estabelece garantias às pessoas com deficiência, incluindo condições para participação e aprendizagem (BRASIL, 2012; BRASIL, 2015). Na Educação Física, Neto e Guimarães (2021) contribuem para a reflexão sobre saberes e práticas inclusivas. Entre as estratégias possíveis estão instruções objetivas, demonstrações, etapas previsíveis, flexibilização das regras e diferentes formas de execução. O esforço e o progresso individual devem ser valorizados, sem que a competição seja o único critério de sucesso.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os registros indicam que a participação variou conforme a atividade e as condições oferecidas, evidenciando a importância de observar cada situação e adaptar as propostas. Em uma atividade sobre primeiros socorros, um estudante participou oralmente ao questionar como agir diante de um engasgo quando a pessoa está sozinha. Também apresentou distração momentânea devido aos sons do ambiente, mas conseguiu retomar a atenção, demonstrando como fatores ambientais podem interferir na participação.

Em uma proposta competitiva, foram observadas frustrações e saída temporária da atividade. A reorganização da tarefa, com valorização do esforço e incentivo à continuidade,

ISSN: 2358-8829

favoreceu o retorno. Em outra atividade, o estudante participou das discussões e interagiu com colegas, embora algumas orientações precisassem ser repetidas. Durante movimentos inspirados em jogo digital, demonstrou cansaço, fez uma pausa e depois concluiu a proposta. Esses registros reforçam a necessidade de respeitar ritmos distintos e permitir pausas sem interpretá-las automaticamente como desinteresse.

Também foram descritos envolvimento em primeiros socorros, jogos de memorização e atividades corporais, além de satisfação e interesse em participar novamente. Propostas variadas, relacionadas aos interesses dos estudantes e abertas a diferentes formas de participação, podem ampliar o envolvimento. As tarefas coletivas e o incentivo entre colegas favorecem a convivência e o pertencimento, desde que todos tenham funções significativas.

A competição pode representar uma barreira em determinadas situações. Por isso, é importante utilizar estratégias como explicações prévias, instruções claras, demonstrações dos movimentos, flexibilização das regras e valorização dos avanços individuais. Os dados também apontam desafios relacionados à formação profissional, à adaptação das atividades, à parceria entre família e escola e à disponibilidade de materiais, conforme os quantitativos apresentados na Tabela 1 do projeto.

Tabela 1 – Barreiras relacionadas à inclusão nas atividades físicas escolares

PRINCIPAIS RESULTADOS OBSERVADOS	FREQUÊNCIA	(%) SIM	(%) NÃO	TOTAL
Necessidade de maior capacitação/ formação dos profissionais	3	3/3 100%	0/3 0%	100%
Dificuldade na adaptação das atividades às necessidades dos estudantes com TEA	3	2/3 67%	1/3 33%	100%
Necessidade de maior articulação entre família e escola	6	2/6 33%	4/6 67%	100%
Necessidade de ampliação de recursos e materiais adaptados	6	3/6 50%	3/6 50%	100%
Quais dificuldades foram encontradas na convivência entre as crianças com TEA e os demais estudantes?	6	2 – Inclusão 1- Aceitação 1 – Bullying 1 – Apoio 1 - Compreensão		

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

ISSN: 2358-8829

As duas primeiras questões foram respondidas pelos três profissionais da escola: professor titular, diretor e profissional de apoio. As duas últimas envolveram os seis participantes da pesquisa, sendo três profissionais e três pais de crianças com TEA. Essa distinção permite compreender o quantitativo de respondentes considerado em cada questão.

Além das questões objetivas, foi apresentada uma pergunta subjetiva sobre as dificuldades encontradas na convivência entre as crianças com TEA e os demais estudantes. As respostas foram: inclusão (duas ocorrências), aceitação (uma), bullying (uma), apoio (uma) e compreensão (uma). Essas manifestações revelam diferentes percepções dos participantes sobre a convivência escolar e destacam a importância do acolhimento, do respeito às diferenças e da construção de relações mais inclusivas.

Os resultados indicam que a necessidade de maior formação dos profissionais foi apontada por todos os respondentes desse item. A adaptação das atividades também aparece como desafio, evidenciando a importância de desenvolver estratégias pedagógicas que considerem diferentes necessidades e formas de participação. Quanto à articulação entre família e escola, dois dos seis participantes apontaram essa necessidade, enquanto quatro não a indicaram. Em relação aos recursos e materiais adaptados, as respostas ficaram divididas igualmente, demonstrando que esse aspecto também representa um desafio identificado no projeto.

De modo geral, as experiências descritas reforçam que a inclusão não depende exclusivamente da presença de materiais adaptados ou da realização de uma atividade específica. Ela exige planejamento, observação, flexibilidade e disposição para reorganizar as propostas diante das respostas dos estudantes. A formação docente e o diálogo entre os profissionais da escola e as famílias constituem dimensões importantes desse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo analisar a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista nos anos finais do Ensino Fundamental por meio de atividades físicas no contexto escolar. Os registros apresentados indicam que as propostas desenvolvidas ofereceram oportunidades de participação, interação e envolvimento em atividades coletivas, embora também tenham ocorrido situações que exigiram ajustes pedagógicos e respeito aos diferentes ritmos dos estudantes.

As experiências descritas demonstram a importância de planejar atividades com instruções claras, etapas compreensíveis, possibilidades de adaptação e valorização do esforço individual. A organização de propostas cooperativas, a consideração dos interesses dos estudantes e a possibilidade de pausas quando necessárias podem contribuir para ampliar as oportunidades de participação nas diferentes atividades desenvolvidas no contexto escolar.

Os dados apresentados no banner também evidenciam desafios relacionados à formação dos profissionais, à adaptação das atividades, à articulação entre família e escola e à disponibilidade de materiais pedagógicos. Esses aspectos reforçam a necessidade de fortalecer o planejamento inclusivo e de promover condições para que a diversidade seja considerada na organização das práticas escolares.

Conclui-se que as atividades físicas podem constituir uma estratégia pedagógica relevante para a inclusão escolar quando planejadas de forma flexível, intencional e atenta às características individuais dos estudantes. Mais do que garantir a presença nas aulas, é fundamental promover condições reais de participação, interação e aprendizagem, fortalecendo o compromisso da escola com uma educação inclusiva.

Palavras-chave: Inclusão escolar; Transtorno do Espectro Autista; Atividades físicas; Ensino Fundamental; Educação inclusiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.** Brasília, DF, 2012.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).** Brasília, DF, 2015.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

NETO, Érica Pereira; GUIMARÃES, Décio Nascimento (org.). **Educação Física em perspectiva inclusiva: saberes e práticas no processo formativo**. 1. ed. Campos dos Goytacazes, RJ: Encontrografia, 2021.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.